

○ Ofício da Crítica de Arte

A PARTIR de amanhã e até 8 de dezembro, estou de férias. Merecidamente, espero que meus leitores concordem. Na minha ausência assinará a coluna, como interino, Lígia Pape. Artista bastante conhecida, Lígia Pape integrou o movimento neoconcreto, um dos períodos áureos da arte moderna no Brasil. Gravadora, artista gráfica, programadora visual (paginação, embalagens, marcas, letreiros de filmes), Lígia realizou e continua realizando filmes curtos, criou objetos (a caixa de baratas de Nova Objetividade Brasileira ou os «ovos» com que participou do programa «Arte no Atêrro», promovido pelo DIÁRIO DE NOTÍCIAS). Inventiva, criadora, inteligente, especulativa, Lígia não faz distinções entre arte e utilidade, entre arte e não-arte, arte e «design». Tudo se reduz a um problema que deve ser resolvido objetivamente. Tudo é linguagem. Tudo é matéria de reflexão.

O CRÍTICO DE ARTE

Pierre Restany, o mais polêmico e discutido dos críticos franceses, em sua intervenção recente na Assembléia anual da Associação Internacional dos Críticos de Arte, em Bordeus, na França, pergunta quem são os críticos de arte. Os críticos, segundo sua formação ou origem, são universitários, conservadores de museus ou historiadores de arte que praticam essa atividade suplementar; jornalistas, escritores e, finalmente, «pintores ou poetas que pouco a pouco foram passando da reflexão sobre sua própria arte à reflexão sobre a arte em geral».

No Brasil, alguns críticos vieram da poesia ou da literatura (Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Aníbal Machado, mais recentemente, Ariano Suassuna, Wilson Rocha, Walmir Ayala, etc. Poucos são os que vieram das artes plásticas. José Paulo Moreira da Fonseca escreve artigos esporádicos, enquanto Antônio Maia já praticou o colunismo de arte durante algum tempo.

LÍGIA PAPE

O neoconcretismo por seu caráter conceitual diminuiu a distância entre criação e crítica e alguns de seus participantes foram importantes renovadores da arte brasileira tanto na criação como na crítica. Cito especialmente o nome de Ferreira Gullar. Hélio Oiticica participou no neoconcretismo e hoje é, indiscutivelmente, o nome mais importante da jovem arte de vanguarda brasileira. E paralelamente à sua intensa atividade criadora, ultimamente vem desenvolvendo, igualmente, atividade crítica, escrevendo ensaios, textos de apresentação e depoimentos sobre sua própria obra.

Lígia Pape também passou da «reflexão de sua própria arte à reflexão sobre a arte em geral». Tem o hábito de refletir sobre os problemas de arte brasileira e explicitá-los, seja em discussões de grupo, seja em aberto, como ocorreu recentemente em debate no Museu de Arte Moderna do Rio. Esta será sua primeira experiência como colunista. Não tenho dúvida de que obterá pleno êxito.

O OFÍCIO DA CRÍTICA

Cada vez mais é menor a distância entre crítico e o artista. Se este apropria-se da

realidade injetando nela uma idéia estética, o crítico é aquele que se apropria da arte como matéria ou instrumento de reflexão do mundo. O crítico compartilha da criação do artista, ainda que este não a solicite. Apropriar-se da obra de arte é apropriar-se da própria vida, pois como quer Pierre Restany «seu ofício (do crítico) coincide exatamente com o modo de vida». E se o crítico é engajado, «a arte não é um fim em si mesma, um luxo do espírito ou o absoluto de um dogma, mas uma forma de linguagem, de comunicação entre os homens».

Bem, vou parar por aqui. Lígia está apresentada.

